

## EDITORIAL

**E**sta histórica edição da revista *Guará - Linguagem e Literatura* é uma continuidade do primeiro Dossiê em homenagem a este escritor infernal que é Luís Serguilha. Este número é composto de ressonâncias maquínicas que compõem uma paisagem nômade, rebelde, desterritorializada, rizomática, plural.

Cada crítico que se debruçou na Escritura de Luís Serguilha conseguiu extrair o que há de essencial, forte e marcante em sua arte: o arrombamento, a violência do pensamento e a força política, ética, estética, filosófica e plástica. O leitor se sente forçado e coagido a pensar e a decifrar os signos que fazem de sua maquinaria uma potência. Luís Serguilha consegue, com a sua escrita esquizo-revolucionária, arrastar o pensamento para fora dos sulcos costumeiros da linguagem. Trata-se de um gago de sua própria língua. É um prodigioso gaguejar que povoa essa máquina-de-guerra-escritura-Kalahari.

Kalahari é, como o próprio Serguilha diz, “a potência do acontecimento dançante – uma força que cria \_\_\_ desejo INTENSIVO!” Sua escritura-acontecimento é o evento no coração da Diferença, pois trata-se de um embaralhador dos códigos. O leitor é arrastado e forçado a ter uma experiência-limite com o pensamento, com a linguagem e com a vida até o seu grau zero. Ele nos faz ver e ouvir através das palavras. Instaura, com um isso, uma escritura do desastre capaz de movimentar o pensamento para o “fora”, para a errância. Fora da sintaxe, fora do lugar, fora da gramática, fora da lei, fora da representação. O deserto é a linguagem que pulula em sua escritura nômade, cruel e afirmadora da vida.

Por todos os lados são fluxos e cortes permanentes que agitam, intensificam o devir e a potência do corpo sem órgãos que prolifera um desejo como arte-de-escritura estilhaçada. Trata-se de uma escritura que aponta uma nova imagem do pensamento: um pensamento sem imagem. Em cada escrita o leitor é convidado a fazer um crivo no caos e a lutar com o seu maior demônio: o demônio

da criação e da invenção de novas possibilidades de vida. O leitmotiv da escritura de Luís Serguilha é a palavra forçar. Elafora e convida o leitor a fazer uso do pensamento no próprio pensamento, instaurando e operando movimentos peristálticos, dobrando- os e duplicando-os ao infinito como micros ritornelos e suas sinfonias dançantes.  uma maquinaria que se diz, dobra. Nada aqui  para ser explicado. Nada a pensar. Antilogos por excelência. Por todos os lados são signos do fora que roubam a paz e provocam uma exaltação nervosa.

Diria que além de bruxo, é um grande feiticeiro de sua própria língua. Sua escritura é, sem dvida, o ápice da literatura menor, neste sentido deleuzeano em que o escritor se transforma em estrangeiro de sua própria língua, pois cria, na sua língua, algo maior. Daquilo que percebeu, se afetou e sentiu, a crítica extraiu os afectos das afecções, os perceptos das percepções e mostra o bloco de sensações que as artistagens de Serguilha revelam. Cada leitor, após ler suas palavras, regressa com os tímpanos perfurados. São visões e audieslingueiras. Trata-se de um músico, ouvidor, trapaceiro, maldito, malvisto. Escritura masturbria. Strepetease amoral que enraba por trs. Infame é o seu nome.

Como um ladrão de ideias, roubo aqui as palavras dos críticos que compõem a paisagem sobre a arte de Luís Serguilha e as lanço no deserto. Os críticos tentam fazer uma cartografia desejante, abrir mapas, apontar tocas, fissuras no caos, lançar dados e des/dobrar os pensamentos que ecoam das dobras de suas almas: são saltos para o “fora”, em forma de Escritura e Filosofia, desenham-se mapas delimites pictóricos, atravessados pela escrita-phrmaon e suas performances desastrosas em alto- mar. Mais que isso, a crítica mostra que Serguilha anda na contramão do consumo, instaura corpoevoz no silêncio do verbo, onde o caos e o cosmo se fundem em um golpe de vento. O voo galáctico e supersnico intensifica hangares e plasticidades poéticas carregadas de imagens e ritmos, instaurando uma nova apresentação da poesia.

Como um transgressor dos sentidos que provoca turbilhões eturbulncias: celistre, cuchillo de aire, uma escrita do grito, improvável, explosão irnica, quando não se sabe dizer, surge a explosão irnica das imagens. Nas costas desse poeta do assombro, viagem e vertigem são tramas da linguagem carregadas de uma beleza que está num gesto que  polifnico. Eis aqui o novo paradigma tico- esttico. Caosmose é o charme da diferença que faz de Serguilha uma vida-escritura do fora e habitante do silêncio.

 hora de começarmos a desterritorialização.  hora de fazermos do pensamento uma máquina de guerra nômade.  hora de lubrificarmos a nossa máquina desejante e potencializarmos fluxos e devires. Fluxos de merda, de sangue, de urina, de baba.  hora de criarmos ninhos rizomáticos e rir do idiota que somos.  hora de acelerar e disparar o pensamento.  hora! Eia!  hora de nos juntarmos ao bando, lobos, escrita-LOBA da crueldade. Piolhiferao insuportável no charme e no crivo do caos- diferença. Jamais seremos perdoados por sermos infernais e malditos. Jamais seremos perdoados por anunciarmos um povo que ainda falta. Essa é a sina do nômade: fazer barulho até quando existirem os apaixonados belo bem, pela moral, pela verdade, pelo ser, eternizados no berço da representação. Eia, Luís Serguilha!

São efeitos tico-estticos que inspiram novas linhas de fugas e agitam uma nova geografia através da atividade plástica do pensamento – em cada traço, em cada linha surge o impensando.

Impossível não deixar ser lubrificado por essa máquina literária e muito menos criar aqui seu ninho rizomático. É puro devir. É puro desejo. Acople sua máquina!... E... Lubrifique-se!... E... Conecte-se! E... Ligue-se! E... seja gago de sua língua!E... V se foder... T ligado, mano?

E...

Paulo Petronilio

Doutor em Letras; Professor de Filosofia na Universidade de Brasília, Campus Planaltina; e Professor no Programa de Pós-Graduao em Performances Culturais da UFG/EMAC. E-mail: ppetronilio@uol.com.br.